



John Fante

*A primavera há de chegar,
Bandini*

Tradução de Rui Pires Cabral

*Este livro é dedicado à minha mãe, Mary Fante,
com amor e devoção; e ao meu pai, Nick Fante,
com amor e admiração.*

Prefácio

Agora que estou velho, não consigo pensar em *A primavera há de chegar, Bandini* sem perder o seu rasto no passado. Certas noites, deitado na cama, evoco uma frase, um parágrafo ou uma personagem desse velho livro, e, meio a sonhar, entrelaço-os com uma espécie de recordação melodiosa de um velho quarto no Colorado, ou da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos e irmã. É pouco provável que um livro escrito há tanto tempo me reconforte como esse meio sonho; porém, não consigo obrigá-me a regressar ao passado, a abrir esse primeiro romance e a relê-lo. Tenho medo, não suporto ver-me exposto pela minha própria escrita. Tenho a certeza de que jamais voltarei a ler este livro. Mas estou igualmente seguro de que todas as pessoas que fizeram parte da minha vida de escritor, todas as minhas personagens, se encontram já neste livro inicial. Hoje nada de mim sobrevive nele, além da memória de velhos quartos e do som dos chinelos da minha mãe ao caminhar para a cozinha.

JOHN FANTE

Vinha pelo caminho, aos pontapés na neve espessa. Era um homem zangado. Chamava-se Svevo Bandini e vivia nessa rua, três quarteirões mais abaixo. Estava enregelado e tinha buracos nas solas das botas. Nessa mesma manhã forrara as botas com pedaços de cartão de uma caixa de macarrão. O macarrão ainda não fora pago. Ao forrar as botas, não deixara de pensar nisso.

Odiava a neve. Era assentador de tijolos, e a neve congelava a argamassa entre os tijolos. Ia a caminho de casa, mas de que lhe valia voltar para casa? Já nos seus tempos de rapaz, em Abruzzi, na Itália, tinha pela neve a mesma aversão. Se não havia sol, não havia trabalho. Agora vivia na América, na cidade de Rocklin, no Colorado. Tinha acabado de sair do Salão de Jogos Imperial. Na Itália também havia montanhas, e muito semelhantes àqueles montes brancos que se erguiam a alguns quilômetros para oeste. As montanhas eram um gigantesco vestido branco que caía a prumo sobre a terra. Vinte anos antes, aos vinte anos de idade, Svevo Bandini tinha passado fome durante uma semana inteira nas pregas desse inóspito vestido branco. Tinha estado a construir uma lareira numa cabana de montanha. Aquilo era perigoso durante o inverno. Mas ele mandara o perigo ao diabo, pois tinha apenas vinte anos e uma namorada em Rocklin,

e precisava de ganhar algum. Porém, o telhado da cabana cedera sob o peso da neve.

Sempre o perseguira, a bela neve. Nunca compreendera por que razão não se instalara antes na Califórnia. Tinha ficado no Colorado, enterrado na neve, e agora era tarde demais. Branca e bela, a neve era como a branca e bela esposa de Svevo Bandini, tão branca, tão fértil, deitada numa cama branca numa das casas dessa rua. Walnut Street, número 456, Rocklin, Colorado.

Os olhos de Svevo Bandini lacrimejavam sob o ar frio. Eram castanhos e meigos, eram olhos de mulher. Tinha-os roubado à mãe ao nascer — já que, depois do nascimento dele, a mãe não voltara a ser a mesma, sempre adoentada, sempre achacada dos olhos, e depois morrera e era agora a vez de Svevo de ter olhos castanhos e meigos.

Svevo Bandini pesava setenta quilos e tinha um filho chamado Arturo que gostava de lhe palpar os ombros redondos para sentir as cobras a mexer lá dentro. Era um belo homem, o Svevo, todo músculos, e tinha uma mulher chamada Maria à qual bastava pensar nos músculos do marido para que o corpo e a mente se lhe derretessem como as neves da primavera. Era tão branca, aquela Maria. Olhar para ela era vê-la através de uma fina película de azeite.

Dio cane. Dio cane. Deus é um cão, dizia Svevo Bandini à neve. Quem lhe mandara perder dez dólares ao póquer no Salão de Jogos Imperial essa noite? E ele que era tão pobre, com três filhos para sustentar — e o macarrão ainda nem tinha sido pago, tal como a casa onde estavam os três filhos e o macarrão. Deus é um cão.

Svevo Bandini tinha uma mulher que nunca lhe dizia: dá-me dinheiro para alimentar os miúdos; uma mulher de

grandes olhos negros, feridos e brilhantes de amor, e aqueles olhos tinham um quê de especial, uma certa forma de olhar para a boca dele, as orelhas dele, a barriga dele e os bolsos dele. Eram olhos de uma argúcia triste, pois adivinhavam sempre quando o Salão de Jogos Imperial tinha feito um bom negócio. Que olhos, os daquela mulher! Viam tudo o que ele era e tudo o que sonhava ser, mas não viam a alma de Svevo Bandini.

O facto não deixava de ser estranho, pois Maria Bandini era o tipo de mulher que entendia como almas todos os seres humanos, vivos ou mortos. Maria sabia o que era uma alma. A alma era uma coisa imortal que ela conhecia. A alma era uma coisa imortal que ela não contestava. A alma era uma coisa imortal. Bom, fosse lá o que fosse, a alma era imortal.

Maria tinha um rosário branco — tão branco que, se o deixasse cair na neve, jamais voltaria a encontrá-lo — e costumava rezar pela alma do marido e dos filhos. E, como o tempo lhe faltava, Maria esperava que alguém, algures no mundo, uma freira num tranquilo convento, alguém, fosse quem fosse, tivesse tempo para rezar pela alma de Maria Bandini.

Svevo tinha uma cama branca à espera dele, onde jazia a mulher, quente e à espera, e ele avançava aos pontapés na neve, a pensar numa coisa que havia de inventar um dia. Uma ideia que lhe ocorrera: uma espécie de charrua para a neve. Tinha feito um modelo com caixas de charutos. Era uma boa ideia. Depois estremeceu, como se um metal frio lhe tocasse o flanco, e lembrou-se subitamente das muitas vezes em que entrara na cama quente de Maria nas noites de inverno e a pequena cruz fria do rosário dela lhe tocara a carne como uma pequena serpente escarninha

e fria, obrigando-o a recuar bruscamente para a ponta da cama, mais fria ainda. E depois pensou no quarto, na casa que ainda não estava paga, na mulher branca sempre à espera de paixão, e tudo lhe pareceu insuportável. Furioso, mergulhou na neve mais espessa do passeio, descarregando nela a sua ira. *Dio cane. Dio cane.*

Svevo tinha um filho chamado Arturo e Arturo tinha catorze anos e um trenó. Ao entrar no quintal da casa que ainda não estava paga, os pés fugiram-lhe de repente para o ar e ele estatelou-se de costas. O trenó de Arturo, ainda em movimento, foi embater num canteiro de lilases cansados de neve. *Dio cane!* Ele já tinha dito àquele cabrãozinho que não deixasse o trenó no meio do quintal. Svevo Bandini sentiu o frio da neve atacar-lhe as mãos como formigas frenéticas. Levantou-se, ergueu os olhos ao céu, agitou um punho contra Deus e quase sucumbiu a um ataque de raiva. Aquele Arturo! Aquele cabrãozinho! Puxou o trenó dos arbustos e, com sistemática malvadez, arrancou-lhe os patins. Só depois de consumada a destruição se lembrou de que o trenó tinha custado sete dólares e meio. Sacudiu-se; a neve que lhe entrara para as botas provocava-lhe uma estranha sensação de calor em redor das canelas. Sete dólares e cinquenta cêntimos deitados ao lixo. *Diavolo!* Ora, o rapaz que comprasse outro trenó. De qualquer modo, era isso mesmo que ele queria.

A casa ainda não estava paga. Era sua inimiga, aquela casa. Tinha voz e estava sempre a falar com ele, como um papagaio, sempre a palrar a mesma coisa. Assim que os seus pés faziam gemer o soalho do alpendre, a casa dizia, insolente: não és o meu dono, Svevo Bandini, e eu nunca

serei tua. Assim que tocava a maçaneta da porta, a mesma coisa. Havia quinze anos que aquela casa o azucrinava e exasperava com a sua estúpida independência. Houve alturas em que chegou a desejar mandá-la pelos ares com dinamite. Começara por ser tentadora como uma mulher, desafiando-o a possuí-la. Porém, ao fim de treze anos, ele enfraquecera, cansara-se, e a casa crescera em arrogância. Svevo Bandini já nem se ralava.

A casa pertencia a um banqueiro que era um dos seus piores inimigos. Perante a imagem mental do banqueiro, Svevo sentiu o coração a bater com mais força, numa ânsia de violência. Helmer, o banqueiro. A escumalha da terra. Muitas vezes se vira forçado a confessar a Helmer que não tinha dinheiro suficiente para alimentar a família. Helmer, de cabelo grisalho impecavelmente penteado, de mãos macias, de olhos que lembravam ostras, quando Svevo Bandini lhe dizia que não tinha dinheiro para a prestação. Tivera de o fazer inúmeras vezes e as mãos macias de Helmer enervavam-no. Não sabia falar com aquele tipo de homens. Odiava Helmer. Sentia ganas de lhe quebrar o pescoço, de lhe arrancar o coração do peito e de o espezi-nhar com ambos os pés. Sempre que pensava em Helmer, resmungava por entre dentes: um dia hás de ter o que mereces! Um dia hás de ter o que mereces! A casa não lhe pertencia e ele só tinha de tocar na maçaneta para se lembrar disso.

Ela chamava-se Maria e a escuridão não lhe turvava os olhos negros. Svevo avançou em pontas de pés até à cadeira num dos cantos do quarto, junto à janela com a persiana verde fechada. Quando se sentou, os joelhos dele estalar-ram. Para Maria, aquele som era como o retinir de duas campainhas, e ele disse para consigo que a mulher era uma

tola por amá-lo tanto. O quarto estava gelado. Desprendiam-se-lhe dos lábios nuvens de vapor. Gemeu, lutando com os cordões das botas. Tinha sempre problemas com os cordões. *Diavolo!* Seria um velho moribundo antes de aprender a atar os cordões como os outros homens.

— Svevo?

— Sim.

— Não rebentes os cordões, Svevo. Liga a luz, que eu faço isso. Não te enerves. Vais rebentá-los.

Deus do céu! Virgem Santa! Não era mesmo típico de uma mulher? *Não te enerves.* Mas porque havia ele de se enervar? Jesus Cristo, apetecia-lhe rachar a janela com um murro! Enterrou as unhas no nó dos cordões. Cordões! Que raio de invenção! Nnng. Nnng. Nnng.

— Svevo?

— Sim.

— Eu faço isso. Acende a luz.

Quando o frio nos entorpece os dedos, um cordão cheio de nós tem a obstinação do arame farpado. Com a força do braço e do ombro, Svevo deu livre curso à sua impaciência. O atacador partiu-se com um pequeno estalido e ele por pouco não caiu da cadeira. Suspirou, e o mesmo fez a mulher.

— Ah, Svevo. Voltaste a rebentá-los.

— Bah! — disse ele. — Querias que me deitasse com as botas calçadas?

Normalmente dormia nu, pois desprezava a roupa interior; porém, uma vez por ano, com o primeiro nevão do inverno, encontrava sempre um par de ceroulas na cadeira do canto. Uma vez rejeitara aquela proteção: foi no ano em que quase morreu de gripe e pneumonia; o inverno em que se ergueu do seu leito de morte,

delirante de febre, farto de pílulas e xaropes, e cambaleou até à despensa, engoliu meia dúzia de cabeças de alho e regressou à cama para as suar juntamente com a morte. Maria acreditava que as suas orações o tinham curado e, a partir de então, a religião de curas de Svevo passou a ser o alho, mas Maria insistia que o alho vinha de Deus, um argumento que Svevo não se dava ao trabalho de contestar.

Ele era um homem e detestava ver-se de ceroulas. Ela era Maria, e cada nódoa na roupa interior dele, cada botão e cada linha, cada odor e cada toque doíam-lhe nos bicos do peito com uma alegria que parecia brotar do interior da terra. Estavam casados há quinze anos, ele tinha língua e falava amiúde disto e daquilo, mas muito raramente lhe dissera que a amava. Ela era a mulher dele e falava pouco, mas cansava-o muitas vezes com o seu constante «amo-te».

Ele aproximou-se da cabeceira da cama, enfiou as mãos por baixo dos cobertores e procurou às apalpadelas o rosário errante. Depois deslizou para dentro da cama e agarrou-a freneticamente, os braços em redor dos dela, as pernas enroladas nas dela. Não era paixão, mas simplesmente o frio de uma noite de inverno, e ela era uma pequena fogueira cuja tristeza e calor o tinham atraído desde o começo. Quinze invernos, noite após noite, e uma mulher cálida que acolhia um corpo de pés gelados, de mãos e braços gelados; ele pensou naquele amor e suspirou.

Momentos antes, o Salão de Jogos Imperial tinha-lhe ficado com os seus últimos dez dólares. Se ao menos aquela mulher tivesse algum defeito que pudesse lançar uma sombra dissimuladora sobre as fraquezas dele... Veja-se a Teresa DeRenzo, por exemplo. Svevo teria casado com ela, não fosse o facto de ela ser extravagante, de falar demais

e de ter mau hálito — uma mulheraça forte e atlética, que gostava de se fingir fraca nos braços dele: só de pensar nisso! A Teresa DeRenzo era até mais alta do que ele! Ora bem, com uma mulher como a Teresa, Svevo poderia divertir-se sem remorsos no Salão de Jogos Imperial. Bastar-lhe-ia pensar naquele hálito, naquela boca tagarela, e agradeceria a Deus a oportunidade de esbanjar o seu suado dinheiro. Mas não com uma mulher como Maria.

— O Arturo partiu o vidro da janela da cozinha — disse ela.

— Partiu-o? Como?

— Empurrou o Federico contra ela.

— O filho da mãe.

— Não fez por mal. Estava só a brincar.

— E tu que fizeste? Nada, aposto.

— Pus tintura de iodo na cabeça do Federico. Foi só uma arranhadela. Nada de grave.

— Nada de grave! Como assim, nada de grave? Que fizeste ao Arturo?

— Estava furioso. Queria ir ao cinema.

— E foi.

— Os miúdos gostam de filmes.

— O cabrãozinho reles.

— Não fales assim, Svevo. O teu próprio filho!

— Estragaste-o com mimos. Estragaste-os a todos.

— Ele é parecido contigo, Svevo. Tu também eras um miúdo rebelde.

— O tanas é que era! Nunca empurrei um irmão contra um vidro!

— Não tinhas irmãos, Svevo. Mas empurraste o teu pai pelas escadas abaixo e ele partiu um braço.

— E que culpa tinha eu se o meu pai... Oh, esquece.

Chegou-se mais a Maria e empurrou o rosto contra a trança dela. Desde o nascimento de August, o segundo filho, que a orelha direita da mulher cheirava a clorofórmio. Havia dez anos que Maria tinha trazido aquele cheiro do hospital: ou seria só impressão dele? O assunto era objeto de discussões frequentes, pois Maria recusava-se a aceitar que a sua orelha direita cheirasse a clorofórmio. Os próprios miúdos não conseguiam cheirar nada. Mas o cheiro estava lá, sempre lá, desde aquela noite na enfermaria, quando Svevo se inclinou para a beijar, depois de ela ter recuperado os sentidos, tão perto que estivera da morte, mas ainda viva.

— Sim, empurrei o meu pai pelas escadas abaixo. E depois? Que tem isso a ver com o resto?

— Bem, a ti ninguém te estragou com mimos, pois não?

— E eu é que sei?

— Tu não és mau.

Que raio de argumento era aquele? Claro que era mau! A Teresa DeRenzo sempre lhe dissera que ele era traiçoeiro, egoísta e mau. Ele adorava ouvi-la dizer aquilo. E aquela outra rapariga... como se chamava ela? Carmela, Carmela Ricci, a amiga do Rocco Saccone — essa achava-o um verdadeiro demónio, e era uma rapariga esperta, tinha andado na universidade e tudo, na Universidade do Colorado, uma licenciada, e dizia que ele era um maravilhoso patife, cruel, perigoso, uma ameaça para as raparigas. Mas Maria — oh, Maria julgava-o um anjo, puro como a água. Bah! Que sabia ela? Não tinha estudado na universidade. Que diabo, nem sequer tinha acabado o liceu!

Nem sequer o liceu. Chamava-se Maria Bandini, Maria Toscana de solteira, e nem sequer tinha acabado

o liceu. Era a mais nova da família e tinha um irmão e uma irmã — o Tony e a Teresa — que tinham terminado o liceu. Mas ela não. Abatera-se sobre Maria a maldição da família, era a mais insignificante de todos os Toscanas, uma rapariga que gostava das coisas à sua maneira e se recusara a terminar os estudos. A Toscana ignorante, a que não tinha diploma — estivera perto de o conseguir, mas desistira ao fim de três anos e meio. O Tony e a Teresa tinham acabado o liceu, e a Carmela Ricci, a amiga do Rocco, chegara até a estudar na Universidade do Colorado. Deus estava contra ele. De todas as raparigas possíveis, tinha-se apaixonado por aquela mulher ali deitada, aquela mulher sem diploma do liceu.

— O Natal está quase a chegar — disse ela. — Reza, Svevo. Pede a Deus que nos dê um Natal feliz.

Chamava-se Maria e estava sempre a dizer-lhe coisas que ele já sabia. Será que ele precisava que lhe dissessem que o Natal estava quase a chegar? Estavam a 5 de dezembro. Quando um homem se deita ao lado da mulher numa noite de quinta-feira, será que precisa que ela lhe diga que amanhã é sexta? E aquele rapaz, o Arturo — porque é que Deus o amaldiçoara com um filho que gostava de trenós? *Ah, povera America!* E ainda lhe pediam que rezasse por um Natal feliz. Bah!

— Já estás quentinho, Svevo?

Lá estava ela, sempre a perguntar-lhe se já estava quentinho. Uma mulher com pouco mais de um metro e meio de altura, tão sossegada que ele nunca sabia se estava a dormir ou acordada. Uma mulher que era como um fantasma, sempre satisfeita na sua pequena metade da cama, sempre agarrada ao rosário, a rezar por um Natal feliz. E depois espantavam-se que ele não

conseguisse pagar aquela casa, aquela casa de doidos habitada por uma fanática religiosa. Um homem precisava de uma mulher que o incentivasse, que o inspirasse, que o fizesse trabalhar duro. Mas, a Maria? *Ah, povera America!*

Maria deslizou para fora da cama e, apesar do escuro, os pés dela encontraram sem hesitação os chinelos pousados no tapete. Svevo sabia que ela iria primeiro à casa de banho e depois ao quarto dos rapazes, a derradeira inspeção antes de regressar à cama para dormir. Uma mulher que estava sempre a esgueirar-se da cama para ir espreitar os filhos. Oh, que vida aquela! *Io sono fregato!*

Como podia um homem dormir naquela casa em constante alvoroço, com uma mulher que estava sempre a sair da cama sem dizer ai nem ui? Diabos carreguem o Salão de Jogos Imperial! Uma trinca de damas com um par de duques, e ele tinha perdido. *Madonna!* E ainda lhe pediam que rezasse por um Natal feliz! Com aquela sorte malvada, ainda lhe pediam que falasse com Deus! *Jesu Christi*, se Deus existe realmente, Ele que me responda: porquê?

Tão silenciosa como tinha ido, Maria voltou a deitar-se ao lado dele.

— O Federico está constipado — disse ela.

Também ele estava constipado — na alma. O fedelho do Federico só precisava de fungar para que Maria lhe esfregasse o peito com pomada de mentol e passasse metade da noite a falar do assunto, mas Svevo Bandini sofria sozinho — não de dores no corpo, mas de dores na alma, que eram muito piores. Haveria no mundo sofrimento mais insuportável que o da alma? E será que Maria o ajudava? Será que se preocupava em saber se ele se

ressentia daqueles tempos difíceis? Será que lhe perguntava alguma vez: Svevo, meu amor, como tem passado a tua alma ultimamente? Andas satisfeito, Svevo? Achas que arranjas trabalho este inverno, Svevo? *Dio maledetto!* E depois queria um Natal feliz! Como podia ele ter um Natal feliz se estava sozinho entre os três filhos e a mulher? Solas esburacadas, má sorte ao jogo, falta de trabalho, costas quebradas por causa de um maldito trenó — e ela queria um Natal feliz! Seria ele um milionário? Podia ter sido, se tivesse casado com a mulher certa. Ná! Ele era estúpido demais para isso.

Ela chamava-se Maria e ele sentiu afundar-se sob as costas a macieza da cama e teve de sorrir à aproximação dela, entreabrindo ligeiramente os lábios para os acolher — três dedos de uma pequena mão, tocando-o ao de leve nos lábios, puxando-o para uma terra quente e cheia de sol, e depois sentiu-a respirar contra o seu rosto, de lábios franzidos.

— *Cara sposa* — disse ele. — Querida esposa.

Os lábios húmidos de Maria comprimiam-se contra as pálpebras dele. Svevo riu baixinho.

— Vou dar cabo de ti — murmurou.

Ela riu também e depois imobilizou-se, atenta a qualquer som que pudesse vir do quarto dos rapazes, ainda acordados.

— *Che sara, sara* — disse ela. — O que tem de ser, tem de ser.

Chamava-se Maria e esperava-o com tanta paciência, tocando-lhe os músculos dos quadris, tão paciente, beijando-o aqui e ali, e então a grande onda de desejo acometeu-o e ela deitou-se de costas.

— Ah, Svevo! É maravilhoso!

Ele amava-a com uma ferocidade tão doce, tão orgulhoso de si, sempre a pensar: não é tola nenhuma, esta Maria, sabe muito bem o que é bom. O grande balão que perseguiram juntos em direção ao sol explodiu entre os dois, e ele gemeu com deleite e alívio, como um homem feliz por ter podido esquecer por momentos tantas ralações, e Maria, muito calada na sua estreita metade da cama, escutava o bater acelerado do seu próprio coração e perguntava-se quanto dinheiro teria ele perdido no Salão de Jogos Imperial. Bastante, sem dúvida — possivelmente dez dólares. Maria não tinha acabado o liceu, mas sabia medir a infelicidade daquele homem pela força da sua paixão.

— Svevo — murmurou ela.
Mas ele já dormia.

Bandini, o inimigo da neve. Saltou da cama às cinco da manhã, como um foguete, fazendo caretas sob o ar frio, escarnecendo-o: Bah! Aquele Colorado! O traseiro da criação de Deus, sempre enregelado! Aquilo não era lugar para um assentador de tijolos italiano; ah, aquela vida era uma maldição. Dirigiu-se à cadeira com os pés de lado, agarrou as calças e vestiu-as, a pensar que estava a perder doze dólares por dia, de acordo com a jorna fixada pelo sindicato, oito horas de trabalho duro, e tudo por causa da neve! Deu um puxão ao cordel da persiana, que se abriu e enrolou, estralejando como uma metralhadora, e a luz branca e nua da manhã entrou de rompante no quarto, ofuscando-o. Resmungou por entre dentes. *Sporca chone*: cara suja, chamava-lhe. *Sporcaccione ubriaco*: cara suja e bêbada.

Retrato da América durante a Grande Depressão,
este primeiro romance da saga de Arturo Bandini
é uma obra-prima da literatura norte-americana moderna.

Enquanto a América agoniza no meio da grande crise dos anos 30, Arturo Bandini, filho de imigrantes italianos, faz a passagem da infância para a adolescência numa pequena cidade do Colorado, desoladora no Inverno que cobre tudo de neve. O pai, pedreiro, desespera com a falta de trabalho e procura consolo no vinho e nas mulheres. A mãe, católica fervorosa, é tão submissa quanto autoritária. À espera da primavera, Arturo debate-se com o primeiro amor e sonha libertar-se do ambiente familiar sufocante.

Com Arturo — *alter ego* de John Fante —, vislumbramos a vida de toda uma comunidade imigrante italiana, pobre, marginalizada e castrada pela religiosidade, imaginamos o que é não ter oportunidades num país que as promete, reconhecemos que a vulnerabilidade dos mais frágeis é inescapável num país que apregoa o sucesso. Afirmando-se simultaneamente como uma radiografia das dores da adolescência, dos laços de família que se desfazem e dos grilhões que deitam por terra os sonhos dos menos favorecidos, esta é uma trama intensa e comovente.

A primavera há de chegar, Bandini é o primeiro livro dos quatro que compõem a saga de Arturo Bandini, a grande obra de um nome clássico da literatura americana, mentor de vultos como Charles Bukowski. Publicada originalmente nos anos 30, a saga foi republicada nos anos 80, por recomendação de Bukowski, e descoberta por uma nova geração de leitores, alcançando rapidamente o estatuto de obra de culto, comparável a obras canónicas como *À espera no centeio*, de Salinger, ou *Pela estrada fora*, de Kerouac. Não ler John Fante é perder uma página incontornável da literatura do século XX.



«Os romances de John Fante são do melhor que a literatura americana alguma vez produziu. Fante teve uma grande influência em mim.

Ele era o meu deus.» **Charles Bukowski**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
penguinlivros
alfaguaraeditora

ISBN 9789897842047



9 789897 842047 >